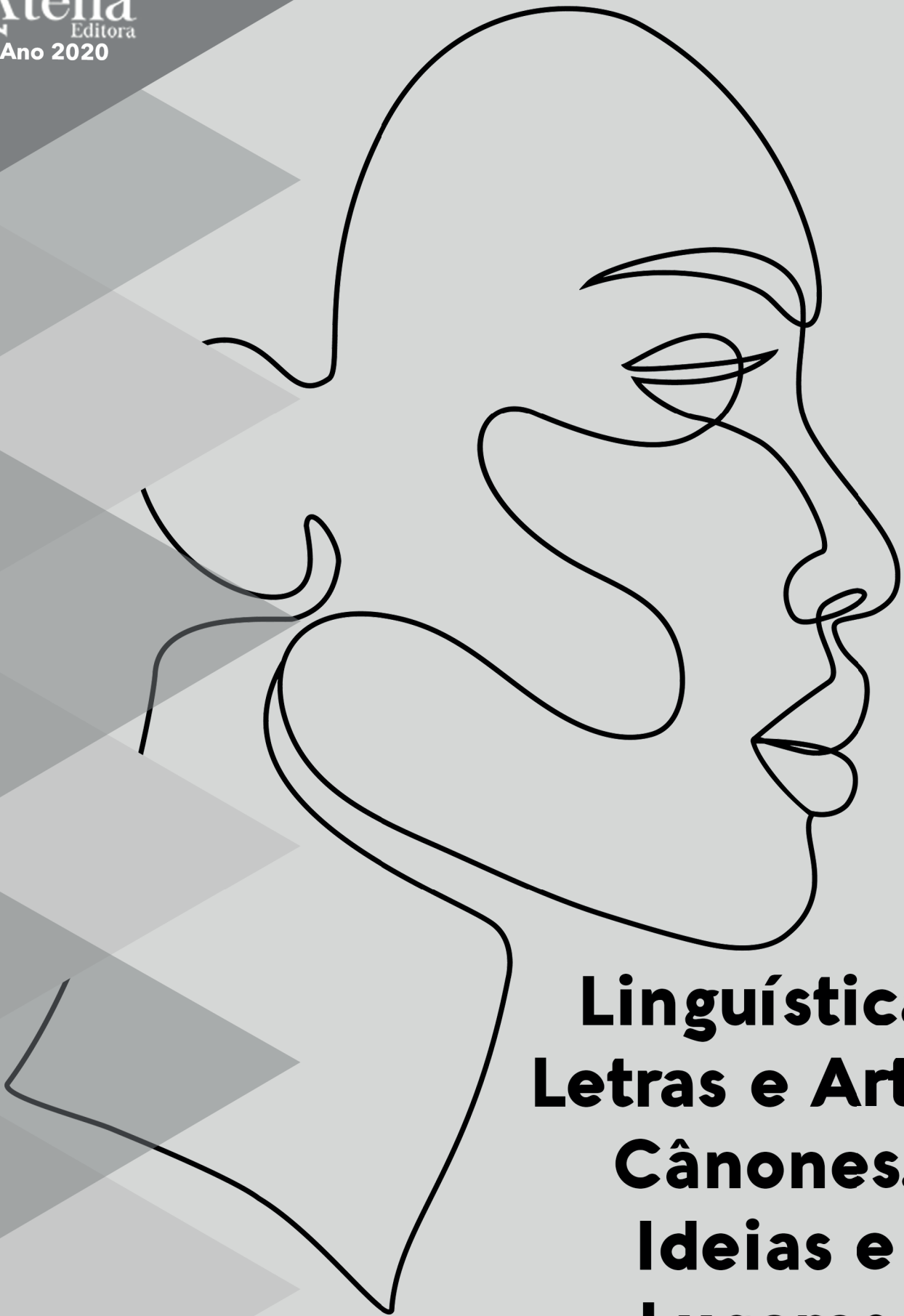




**Linguística,  
Letras e Artes:  
Cânones,  
Ideias e  
Lugares**

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Linguística,  
Letras e Artes:  
Cânones,  
Ideias e  
Lugares**

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo

**Edição de Arte:** Luiza Batista

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L755	<p>Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : cânones, ideias e lugares 1 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.            Modo de acesso: World Wide Web.            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-5706-116-9            DOI 10.22533/at.ed.169201906</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.            3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Ao escrever esta apresentação não tem como não pensar na situação que o país se encontra imerso. Muitas cidades em isolamento social, outras relaxando as medidas de prevenção e de combate à pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) da Covid-19, que tem ceifado milhares de vida. Seria injustiça da minha parte se no início desta exposição não externasse os meus sinceros sentimentos às pessoas que perderam seus entes queridos. Acredito que este é também o papel das ciências da linguagem, enxergar o ser humano nas suas diversas facetas e a que estamos passando não é uma das melhores, apesar de tudo, há esperanças de que tudo isso passará e, certamente, seremos pessoas melhores.

Falar de linguagem, linguística e arte é falar da comunicação estabelecida no fazer do sujeito. A iniciativa de comunicar ao outro o que está sendo produzido nas diversas regiões do país é uma ação necessária, sobretudo, dos estudos que estão sendo realizados com transparência e monitoração das propostas de investigação científica, já que produzir ciência no Brasil é um contínuo e pleno exercício de resistência no combate às fake News.

Todos os autores que se propuseram na caracterização deste e-book, mostram-se como sujeitos resistentes mediante as ineficiências de incentivos que nos últimos anos têm sido direcionadas à produção de ciência, sobretudo, a ciência linguística, da linguagem e artística no país que ainda não se convenceu de que é somente por meio da educação que escreveremos novas e coloridas páginas de oportunidades na existência desta e das gerações futuras.

Assim, as páginas que contemplam esta obra não são desbotadas pela carência de informações pertinentes que perpassam pelas áreas da linguística, da literatura e das artes. Estas páginas são coloridas com diferentes conhecimentos das áreas diferentes do saber em que todos os seus propósitos, finalidades e evidências de que o conhecimento constrói a diversidade e conscientiza-se na relevância do pensamento científico e da reflexão fortificada em cada discussão.

Neste e-book, estão organizados dezenove capítulos que repercutem a relevância da coletânea pela diversidade das reflexões propostas. Ao detalhar em cada capítulo como a linguagem dialoga com a linguística, com a literatura e com as artes, elaboramos uma cadeia de saberes multifacetados. Sendo assim, nestes dezenove textos temos a certeza de que a ciência se faz na diversidade e no respeito à pesquisa do outro, da sua função de cientista da linguagem marcada com ideias, ideais, contextos e estilos de escrita.

Esperamos que estas reflexões respinguem cores, cheiros e sabores ao contexto social e linguístico que o Brasil e o planeta estão passando. Em linhas gerais, autorizadas são todas as discussões diversas que enxergam nesta coletânea a certeza de que a produção e divulgação de conhecimentos instalem cenários transparentes e necessários da educação na formação dos sujeitos, portanto, resta-nos desejar: boa leitura!

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E O AUTISMO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	
<a href="#">Edijane Maíla Martins da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
ESTUDO DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS DIGITAIS DO MERCADO DE MAQUIAGEM: HUDA KATTAN E NIINA SECRETS	
<a href="#">Beatriz Costa Fernandes Pereira</a>	
<a href="#">Fred Izumi Utsunomiya</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
A INSTAURAÇÃO DA ARGUMENTATIVIDADE NO DISCURSO DE MUDIATIZAÇÃO DA CIÊNCIA	
<a href="#">Jairo Venício Carvalhais de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>41</b>
AS TRAMAS DA ENUNCIÇÃO	
<a href="#">Ivan Vale de Sousa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>51</b>
DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE	
<a href="#">Henrique Reis Fatel</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
A LITERATURA COMO POSSIBILIDADE DE EMPODERAMENTO DO SUJEITO NEGRO	
<a href="#">Letícia Queiroz</a>	
<a href="#">Epaminondas de Matos Magalhães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019066</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>81</b>
A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS SHAKESPEARIANAS ENQUANTO REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS DA SOCIEDADE ELISABETANA	
<a href="#">Fernanda Rafael da Paz</a>	
<a href="#">Neide Aparecida da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
A PAIXÃO SEGUNDO G.H COMO FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<a href="#">Alice Duarte de Assis</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019068</b>	



<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>105</b>
CONTOS DE FADAS, FANTASIA E PROTAGONISMO FEMININO: UMA LEITURA DE <i>TRONO DE VIDRO</i> , DE SARAH J. MAAS	
<a href="#">Izabela Fernandes Simão</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1692019069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>118</b>
A CRIAÇÃO IDEOLÓGICA E O TRAUMA SOBRE <i>O CASAMENTO EM A PORTA E O VENTO</i> , DE JOSÉ BEZERRA GOMES	
<a href="#">Eldio Pinto da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>132</b>
A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO <i>PAJUBÁ</i> NA MÚSICA <i>QUEER</i> BRASILEIRA	
<a href="#">Martiniano Marcelino de Macedo Torres</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>154</b>
A POTÊNCIA DA NARRATIVA E A COMUNIDADE DOS CELIBATÁRIOS EM <i>AS CANÇÕES</i> , DE EDUARDO COUTINHO	
<a href="#">Mírian Sousa Alves</a>	
<a href="#">Renata de Oliveira Ramos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>165</b>
A REFRAÇÃO HOMOFÓBICA NO JORNALISMO: ESTUDO DE CASO SOBRE O ASSASSINATO DE BRUNA	
<a href="#">Piero Dutra Vicenzi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>173</b>
ARQUITETURA WAURÁ - DESCRIÇÃO DO PROCESSO CONSTRUTIVO DA CASA TRADICIONAL DO POVO WAURÁ	
<a href="#">João Mário de Arruda Adrião</a>	
<a href="#">Tirawá Waurá</a>	
<a href="#">Thalysson Paulo Alves Pacheco</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190614</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>179</b>
CULTURA E REGILIGIOSIDADE POPULAR, CONGADA EM ANGICAL: BREVE DISCUSSÃO	
<a href="#">Vera Regiane Brescovici Nunes</a>	
<a href="#">Pedro Fernando Sahium</a>	
<a href="#">Washington Maciel da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>191</b>
ENTRE ILHAS: ORIGENS, DESVIOS E NARRATIVAS NA MEDIAÇÃO CULTURAL	
<a href="#">Andressa Argenta</a>	
<a href="#">Carolina Ramos Nunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.16920190616</b>	

<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>202</b>
ENTRE O CAOS E A ORDEM: RELAÇÕES SOCIAIS E PERCEPÇÕES SOBRE O TERMINAL URBANO FRANCISCO ALVES RIBEIRO EM RIO BRANCO–ACRE	
Beatriz Tayná Souza Brito	
Marcia Meireles de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.16920190617	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>213</b>
BRASIL E PORTUGAL NA ENCRUZILHADA: A NEGAÇÃO DO FADO E A AFIRMAÇÃO DO SAMBA (1930-1939)	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.16920190618	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>232</b>
A DANÇA EM SEUS DIFERENTES RITMOS	
Karolaine Ramada Neves	
Aline Ditomaso	
DOI 10.22533/at.ed.16920190619	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>237</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>238</b>

## DA FEITURA DO DASEIN NEOLIBERAL: ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO DO HERÓI DE INFINITE JEST, DE DAVID FOSTER WALLACE

Data de aceite: 01/06/2020

**Henrique Reis Fatel**

Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo, SP

[lattes.cnpq.br/3550245956435464](http://lattes.cnpq.br/3550245956435464)

**RESUMO:** O trabalho de pesquisa aqui proposto intenta mapear, pelo quadro teórico semiótico e morfolexical (GREIMAS, 1973; GREIMAS & COURTÉS, 1979; ULLMANN, 1964), os mais expressivos neologismos componentes do discurso idioletal do herói (LUCKÁCS, 2007) do romance *Infinite Jest* (1996), escrito pelo norte-americano David Foster Wallace. Ulteriormente, verificar qual a relação desse discurso com a construção filosófica da subjetividade contemporânea, no momento em que a tessitura da obra está circunscrita, não a reduzindo ao contexto socio-histórico, mas entendendo os dois como interdependentes, levando como paralelo os estudos estético-filosóficos de Moretti (2013) acerca do herói romanesco e os ensaios de Wallace sobre a subjetividade pós-moderna. Pela compreensão da materialidade semântica do discurso do herói da obra, lograr-se-á compreender por quais vias discursivas se constrói a subjetividade e a intersubjetividade

do sujeito contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lexicologia; Semiótica; Neologismo; David Foster Wallace; Semântica; *Infinite Jest*.

### ON THE MANUFACTURING OF THE NEOLIBERAL DASEIN: SEMIOTIC ANALYSIS OF THE HERO'S DISCOURSE IN DAVID FOSTER WALLACE'S INFINITE JEST

**ABSTRACT:** The research essay proposed here have the intente to map the most expressive neologisms constitutive of the hero's discourse (LUCKÁCS, 2007) in David Foster Wallace's *Infinite Jest* (1996) through the Semiotic frame (GREIMAS, 1973; GREIMAS & COURTÉS, 1979; ULLMANN, 1964). Ulteriorly, it aims at the verification of this discourse's relationship with the philosophical construction of contemporary subjectivity, at the moment to which the novel is circumscribed, not reducing it to the social and historical contexto but understanding both as interdependente, taking as parallel the aesthetic-philosophical studies of Moretti (2013) regarding the novelistic hero and Wallace's essays about the post-modern subjectivity. Through the comprehension of the semantic materiality of the novel's hero's discourse, the comprehension of which discursive ways take

place in the construction of subjectivity and intersubjectivity of the contemporary subject will be reached.

**KEYWORDS:** Lexicology; Semiotics; Neologism; David Foster Wallace; Semantics; *Infinite Jest*

## 1 | CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE

omnia instrumenta quibus ad cognoscendum et

loquendum ultimur signa sunt

(todos os instrumentos de que nos utilizamos para conhecer e elocucionar são, portanto, e último, signos)

- João de São Tomás no *Tractatus de signis*

Sabe-se como parte constitutiva e basilar da estrutura de todo o Romance (doravante *novel*) “o contato com a realidade inacabada” (BAKHTIN, 2018, p.242). Leia-se: a realidade *inacabada*, não a realidade que se impõe ao homem como cadeia sequencial e causal de eventos espaço-temporais. Mas sim a Realidade, complexa, dinâmica e adaptativa (VIOTTI, 2013) que se nos apresenta pela Linguagem. Some-se a isso o fato de que “tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros” (BAKHTIN, 2017, p.29). Outrossim, original e fundamentalmente, “tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo” (*op. cit.* p.30). Ao menos nos momentos iniciais da formação [cognitiva e corpórea] “a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (*ibidem*). A Realidade [inacabada e externa] é em que se materializa o enunciado e a totalidade das situações comunicativas na sincronia de uma dada língua.

Justificado pelo expediente de desvelar as brechas e fendas existentes na ideologia dominante (a mesma que permite a hipótese de uma realidade acabada ou acabável), o *novel* deve [deonticamente] tratar não “do mundo pátrio nem do mundo estranho, mas do mundo em que nós também vivemos, no qual também poderíamos vivenciar”. Por conseguinte, a verve narradora e observadora do *novel* enquanto contemplação pressupõe *distanciamento estético*. Do Autor [empírico] para com o conjunto de causas que compõem seu substrato narrativo; do Autor [empírico] para com o implícito e destes dois para com as personas que incutem nas personagens. Dentro dessa primeira perspectiva, o *novel* é uma forma essencialmente irônica, a figura de linguagem do distanciamento - em maior ou menor grau. Isso porque

a ironia entrou em todas as línguas na Idade Moderna (...), entrou em todas as palavras e formas (sobretudo as sintáticas; por exemplo, a ironia destruiu a periodicidade desmedida e “empolada” do discurso). [...] O homem da Idade Moderna não proclama, mas fala, isto é, fala por ressalvas. (BAKHTIN, 2017, p.21).

Na contemporaneidade, a ironia é um fenômeno discursivo em ininterrupta sedimentação.

Intenta-se, antes de mais nada, que a ironia constitutiva da forma romanesca seja observada não no grau com que impetra distanciamento estético/linguístico/literário/ subjetivo, nem no que pesa a validade remanescente de suas críticas num tempo em que não há mais o que ser *criticado*, mas na medida em que [ainda] logra construir estreitamento. Além disso, nos detemos em quais medidas *Infinite Jest, opus Magnum* de Wallace resgata o papel social do *novel* hoje, e como este papel – que fora da Épica – é vital para o senso de coletividade e unidade que constitui a busca do Ser.

Ao mesmo tempo, *Infinite Jest* rompe brutalmente com as formas canônicas do romanesco e do *novel*. Se até outrora a via pela qual se desvelava o estatuto inacabado da realidade era a picturização e ficcionalização de uma hipotética conciliação dos conflitos humanos de um dado momento e local na história; se até os primeiros Modernos o romance assim se encerrava, hoje o construto ficcional tanto mais se potencializa de força estética, linguístico-literária e filosófica quanto mais renuncia a esse *dénouement* e versa mais translucidamente o mundo inacabável e inexaurível do Eu-no-Outro.

Os discursos dos heróis, que no romance têm esse ou aquele grau de independência verbo-semântica, sendo por seu horizonte um discurso do outro na linguagem do outro, podem também refratar as intenções do autor e, por conseguinte, ser até certo ponto uma *segunda linguagem do autor* (BAKHTIN, 2017, p.100).

Apenas pela enunciação do herói é que se tem acesso à enunciação do autor implícito de um romance. Aqui, importa estabelecer nuances ao que postulou Bakhtin: os discursos dos heróis podem refratar as intenções conscientes e inconscientes do discurso do autor. Isso porque o *implied author* como definido por Booth (1983) et al. é a consubstanciação das escolhas voluntárias e involuntárias feitas pelo autor empírico. No mais, para os fins de nossas investigações, não importa o que pode ter querido escrever Wallace, e sim o que logrou escrever e como o Texto se nos dá a ver.

Então, primeiramente pela estilística está sendo observado *Infinite Jest*. Considere como tal a disciplina que “estuda os fatos da expressão da linguagem, organizada do ponto de vista do seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade” (Bally, 1909 apud. MARTINS, 2008 p.21). Através da estilização é que se faz a *heterodiscursividade* dentro do romance (BAKHTIN, 2017, p.113).

Emsegundolugar, dá-se a neologia sintagmática. A restrição inicial a que submeteremos a categoria “neologismo” aqui será a de que deve configurar uma *mudança linguística*, nos termos de Viotti (2013). Consoante o que postula Stephen Ullman (1964, p.418-

419) sobre mudanças linguísticas disparadas por fatores psicológico-emotivos, quando da recorrência e/ou impacto de uma dada situação ou experiência, criam-se metáforas e extensões de sentido [advindas delas] para referir-se a situações e experiências quase que absolutamente desconexas. (1964, p.418-419).

Enfatize-se que o conjunto contradomínio dessa mudança é o idioleto, e dentro dele é que ela se “inter-relaciona” com o escopo de um sistema discursivo. Ora, sabe-se que o Discurso é dialogicamente estruturado (BAKHTIN, 2019) e que toda enunciação pressupõe a construção hermenêutica bivalente, acarretando toda uma teoria conversacional da Linguagem (as máximas de Grice; os modelos de transmissão do discurso alheio, de Volóchinov...). Pode-se verificar, então, que a entrada e cristalização de quaisquer mudanças num sistema enunciativo não podem funcionar de modo exclusivamente *top-down*. Quando do estudo do texto do *novel* enquanto *corpus* linguístico, deve-se ter enquanto horizonte limitador que as ocorrências que se investiga são *monológicas*. A mudança linguística pressupõe fenômenos psíquicos que só se realizam no nível idioletal.

Além de ser apreendida e materializada pela enunciação idioletal, a neologia em *Infinite Jest* é textualmente justificada para o leitor como ou sintoma ou agravante de traços da persona do herói. À luz do que afirma Antônio Candido n’*A personagem de ficção* (1963), o enredo do romance existe através das personas-que-agem nesse enredo. Elas são o produto da ligação que se cria entre o ser e o fictício, por meio da verossimilhança. Essas personagens são formadas à semelhança do conhecimento que nós construímos acerca de nossos pares, e esse processo é fragmentário.

## 2 | ANÁLISE SEMIÓTICA DA NEOLOGIA EM *INFINITE JEST*

Os dois grandes temas centrais de *Infinite Jest* são o diagnóstico de uma sociedade viciada em estímulo/entretenimento ininterrupto e a depressão como traço de seu tempo. O vício em entretenimento é investido na trama em volta de *Infinite Jest V*, um filme de James Orin Incandenza, pai do herói Hal, que foi constatado ser letalmente estimulante [lethally entertaining] (WALLACE, 1996, p.789) pelo governo Americano e pelo governo do Québec. O filme dá título ao livro e é o motivo que em maior ou menor grau narrativamente interliga todos os pontos da história. Narrativamente, porque, como ver-se-á mais a frente, os núcleos da história do livro como um todo são interligados por isotopias, de expressão e conteúdo. O governo dos dois países constata que a película é viciante por casos de pessoas e soldados-cobaia que, ao assistir *Infinite Jest V*, não eram física ou psiquicamente capazes de parar de assistir. O efeito descrito nos expostos ao curta é o de um olhar deslocado [misplaced] e vidrado, ao mesmo tempo. O filme não existe mais e os governos procuram a última cópia mestre (copiável) do título.

Em um dado momento do livro, a personagem Molly Notkin amiga próxima de Madame Psicose, interrogada pelo governo americano confessa:

Molly Notkin conta aos operativos da U.S.O.U.S que seu entendimento do letalmente estimulante filme do *après-garde* autor J. O. Incandenza, *Infinite Jest (V ou VI)* é que apresenta Madame Psicose como algum tipo de instânciação maternal da figura da Morte, sentada nua, corporalmente belíssima, faminta, enormemente grávida, sua face maravilhosamente deformada ou velada ou esbranquiçada por ondulações pixeladas coloridas geradas em computador, ou quadriculações anamorizadas e irreconhecíveis como qualquer tipo de rosto pelas lentes aparentemente novas e muito estranhas da câmera, sentada ali nua, explicando em uma linguagem infantil e muito simplificada para quem quer que fosse que o sujeito da câmera representasse que: a Morte é sempre feminina, e que o feminino é sempre maternal. i.e. que a mulher que te mata é sempre sua mãe numa próxima encarnação. Esse enredo que Molly Notkin disse, não fez muito sentido pra ela também, quando o ouviu, mas era alegada e essencialmente a substância da cosmologia da Morte, que Madame Psicose era esperada de entregar ao telespectador num monólogo ululante [lalating], mediada por lentes muito especiais.... p.411

[mas que] *Infinite Jest V ou VI* havia sido arranjado com tipos extremamente estranhos e extrusivos [extrusive], e durante a filmagem haviam sido colocados seja no chão ou num berço ou cama, a câmera, como Madame Psicose interpretando a figura da Mãe-Morte inclinada por sobre as lentes. Em posição de parto e nua, falando superiormente à câmera [talking down to it] – em ambos os sentidos da palavra, o que de um ponto de vista crítico introduziria ao filme um sinestésico tipo de *double-entendre* envolvendo tanto as perspectivas aural e visual da câmera subjetiva – explicando para a câmera como uma sinédoque de auditório que é por isso que as mães eram tão obsessivamente, exaustivamente, dirigidamente, e de algum modo ao mesmo tempo narcisisticamente amáveis a você, o filho delas: as mães estão freneticamente tentando fazer as pazes por um assassinato que nem você nem ela realmente lembram. (WALLACE, 1996, pp.788-789)<sup>2</sup>.

O filme é dito ser letal a quem o assiste no livro por uma conjectura de fatos: o modo como a sociedade do entretenimento personalizado e “on-demand” se torna viciada em estímulo que venha na forma de entretenimento. Nas páginas 411 e sequenciais, há um monólogo sobre as mudanças desde a virada do milênio e a reconfiguração da indústria da publicidade nos Estados Unidos (Wallace, op. cit. 411); os anos Antes da Subsidiação do calendário por marcas (B.S. years) e a relação da sociedade americana com a TV por assinatura, principalmente desde sua criação nos anos '90. Nele, o autor implícito prevê não só a “falência” da televisão convencional como também os desdobramentos disso na cultura e na indústria [de entretenimento] americanas.

Com isso veio o que se chama de Reconfiguração da indústria de publicidade e o modo como o entretenimento vendia produtos mudou. Primeiro surgiu a TV por assinatura

---

1. Os filmes *Infinite Jest I, II, III, IV* são descritos como não lançados e não-vistos na filmografia de James, com exceção de *Infinite Jest V(?) ou VI (?)*, assim mesmo, com interrogações. Isso porque há registros de várias tentativas falhadas de filmar o título, e não se sabe se a última, única da qual se tem informações sequer catalográficas sobre foi a quinta ou sexta tentativa de James. Por isso a sequenciação. Na nota Nº 24 do livro (WALLACE, 1996, pp. 985-994) a última tentativa de filmagem, e a única bem-sucedida segundo o que se sabe no universo do livro, é descrita como segue: “*Infinite Jest (V?)* Ano da Barra de Dove Trial-Size. Poor Yodrick Entertainment. ‘Madame Psicose’; nenhum outro dado definitivo. Problema capcioso entre ativistas. Último filme de Incandenza, com sua morte tendo ocorrido durante a pós-produção. A maioria das autoridades arquivistas o listam como ‘não finalizado e não-visto’. Algumas listam como sequência de *Infinite Jest (IV)*, para o qual Incandenza também usou [Madame] ‘Psicose’, o que insere o filme na filmografia de Incandenza do Ano da Almofada Medicada Tucks. Apesar de nenhuma sinopse oficial ou relatório acadêmico do filme exista, dois curtos textos em diferentes números da *Cartridges Quarterly East* referem o filme como ‘extraordinário’ e ‘de longe o mais estimulante e convincente trabalho [de James O. Incandenza]...’ (WALLACE, 1996, p.993, tradução nossa).

2. Tradução nossa.

e ulteriormente, com a criação da InterLace TelEntertainment e a, “o entretenimento de massa Americano se tornou inerentemente pro-ativo e definido pelo consumidor (consumer-driven)” (*ibidem*, p.417). Dentro dessa perspectiva, *Inifinite Jest* (o filme) está circunscrito a uma psique social obcecada por entretenimento; uma sociedade que tem Hollywood como maior expressão de si desde os anos 1950 e que assiste a falência desses sujeitos que, na contemporaneidade, se veem inundados por estímulo dentro do ruído total. Quanto a essa temática do enredo, Wallace conclui que o filme é viciante porque a sociedade que o assiste já está viciada, condicionada.

*Inifinite jest* (o livro) é o romance sobre o Estar só, na contemporaneidade. É um romance sobre vícios, sobre a depressão, sobre a psicose, mas mormente sobre como os sintomas, ou ainda as condições da reificação do Presente no Capitalismo Tardio, nos termos de Frederic Jamesson em seu *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism* (1991), afetam o sujeito contemporâneo na construção do Ser. É um *novel* que, tal qual todos o são, nos diz onde estamos e que horas são<sup>3</sup>; o que é ser um Ser Humano num dado momento do tempo. Enquanto texto, discursivamente observado, é um *novel* organizado em torno de multi-pluri-isotopias que se organizam na radialidade (no sentido de significado prototípico e radial) da temática do colapso do Ser, do *Dasein* hoje. Colapso como falência estrutural, se pensarmos dentro dos postulados por Dardot & Laval (2013, p.283) quando dizem que:

O sujeito neoliberal no processo de ser formado, cujas principais características se deseja delinear aqui, é o correlato do aparato de performance e prazer que é atualmente o objeto de inúmeros trabalhos. Não há falta nas descrições do ‘hipermoderno’, ‘incerto’, ‘flexível’, ‘precário’, ‘fluido’, ‘sem peso’ homem de hoje. Esses valorosos e frequentemente convergentes trabalhos na interseção da psicologia e da sociologia registram uma nova condição humana.

Dardot e Laval (2013) discorrem sobre um rompimento epistemológico na passagem da modernidade para a contemporaneidade. Aquém de discutir o momento em que ocorreu essa ruptura, os autores diagnosticam que hoje, na pós-modernidade, cada sujeito tornou-se uma miniempresa, que deve ser cada vez mais bem formada, cada vez mais produtiva, cada vez mais feliz e cada vez mais bem sucedidas (em termos bastante calvinistas, pensando na sociedade norte-americana) e que percebe a si mesmo como um “*enterprise subject*”, mas que colapsa porque realiza um número cada vez maior de escolhas e intermediários entre seu Eu e a realidade. Ainda de acordo com os autores, o neoliberalismo engendrou uma espécie de falência interna do Ser, que vive para o trabalho e o consumo.

A história de *Inifinite Jest* se passa em algum momento na virada do milênio (o livro é de 1996), em que o calendário católico-romano seria nomeado com marcas ou produtos de grandes empresas americanas. O primeiro ano, “YEAR OF GLAAD” se refere à Glaad, marca do ramo de sacos de lixo e produtos do tipo, que se tornou referência nos EUA da

---

3. Mesmo de acordo com Frye o *Ub Sunt* é um dos grandes temas das Belas Letras desde antes do *novel*.



época como “bombril” se tornou referência “para palha de aço”, e “cotonete” pra “hastes acotonadas” no Português, já há mais tempo, mas pelo mesmo processo. Wallace narra uma América deste agora, por mais que o *novel* pareça distópico - *and that's the joke about it*. Narra os Estados Unidos que depois das promessas não cumpridas do capitalismo neoliberal, trocou a nostalgia que já teve por algumas décadas (a de 1950 e a de 1970, em especial) por um apego pelos próprios 1990 e por si próprio, mais do que nunca. Por si próprio no sentido de nutrir uma nostalgia pela noção ideal de América que já teve de si. Mas o ponto é que a civilização que Wallace narra, seja em *Enfield* ou no Québec, na sua não-distópica *Concavity*, é os EUA *ad hoc* com a falência econômica, política social ambiental *ad infinitum* do capitalismo, do indivíduo e do Ser.

Isso pode ser observado quando nos é apresentada a perspectiva do autor implícito sobre os Estados Unidos em esparsos momentos de diálogo entre as personagens Steeply and Marathe, o primeiro, norte-americano e o segundo Quebequeano, os dois em serviço secreto para descobrir onde está a última cópia do “*samizdat*”, o filme *Infinite Jest V*.

Marathe havia recostado para trás, apoiando seu traseiro na cadeira. ‘Sua palavra americana para fanático, “fanatic”, eles lhes ensinam que vem do Latim para ‘templo’? Significando, literalmente, ‘adorador no templo’.

‘Oh Jesus agora lá vamos nós de novo,’ Steeply disse

‘Como, se me der permissão, funciona esse *amor* de que você fala, o grande amor de M.Tine. Isso significa apenas apego. Tine é apegado, fanaticamente. Nossos apegos são nossos templos, o que adoramos, não?(...) .

‘Não somos todos fanáticos?’

‘Eu estou falando apenas do que vocês dos E.U.A apenas fingem não saber. Apegos são de extrema seriedade. Escolha seus apegos com cuidado. Escolha seu templo de fanatismo com grande carinho. O que você quer cantar como amor trágico é um apego imprudentemente escolhido. Morrer por alguém? Isso é loucura. Pessoas mudam, vão embora, morrem, caem doentes. Eles vão embora, enlouquecem, têm doenças, te traem, morrem. Seu país sobrevive (outlives) a você. Uma causa sobrevive a você.’

‘Como estão sua esposa e filhos, a propósito?’

‘Seus Estados Unidos não parecem acreditar que você pode escolher aquilo pelo que morre. Amor de uma mulher, sexual, se retroalimenta de ti mesmo, te torna enviesado, talvez louco. Escolha com cuidado. Amor de sua nação, de seu país e povo, que alargue o coração. Algo maior do que o indivíduo’ (...)

Marathe disse, ‘Isso, não é essa a escolha de mais suprema importância? Quem ensina suas crianças nos Estados Unidos a como escolherem seu templo? O que amar o bastante para não escolher duas vezes? (...) porque essa escolha determina todo o resto. Não? Todas as outras escolhas que você diz livres seguem disso: qual seu templo. Qual é o templo, então, para os estadunidenses? (...)’

(WALLACE, 1996, pp.106-108)<sup>4</sup>

O texto nos diz que [tanto o filme como o *novel* em questão, por razões metonímicas e metafóricas de categorização óbvias<sup>5</sup>] que a América narrada aqui é uma versão craquelada daquela prometida pelo Neoliberalismo, a de que o Indivíduo mais do que nunca deveria ser único e buscar o prazer (consumível) como sentido-fim da vida. A perspectiva de Marathe nos oferece o que só o distanciamento irônico entre as duas personagens ofereceria: uma análise crua do que *está matando os EUA*, caso queira, ou uma razão pela qual o *samizdat* e o filme *Infinite Jest* são letais a quem os assistir.

Dentro dessa América, e dessas premissas, Wallace cria neologismos que se caracterizam majoritariamente como combinações [lexicais e gramaticais] entre lexemas inteiros, além de fazer uso de sufixações e prefixações. O livro é de fato um *corpus* caudaloso de neologismos, em volume e em substância. Temos um narrador que se apresenta como autoconsciente e detentor de um conhecimento lexical vasto (no caso de Hal, ao menos). No geral, diante da necessidade de expressar o primeiramente ininteligível, cria um neologismo que tem como referência seu próprio monólogo interior, mas tomado como discurso alheio (VOLÓCHINOV, 2017). Isso acompanhado de uma descrição toda feita em discurso indireto livre (em termos mais usuais). Temos uma narração inteira construída com base na modificação impressionista do discurso indireto preparado por vezes por discurso direto. (VOLÓCHINOV, 2017). A tendência impressionista é

uma modificação bastante importante da construção indireta que é usada principalmente para transmitir o discurso interior do personagem, seus pensamentos e sentimentos. Essa modificação trata o discurso alheio com muita liberdade (...) por isso, pode ser chamada de *impressionista* (VOLÓCHINOV, 2017, p.276).

Em *Infinite Jest* a tessitura da narrativa é feita basicamente em discurso indireto livre, mas esse discurso é modificado o tempo inteiro no texto por meio de construções pictóricas do consciente interior das personagens. Esse consciente é externalizado em monólogo interior, que usualmente seria em discurso direto, mas aqui é preparado e modificado pelo discurso indireto livre. De acordo com Volóchinov, essa é uma “modificação analítico-verbal da construção indireta” (2017, p.275) e é essencialmente pictórica. Veja, estamos considerando que o monólogo inicialmente é discurso direto em sua estrutura – se alguém produz texto monológico, é comum [entre outros discursos] o emprego do discurso direto. Assim, Wallace narra por um monólogo em discurso direto que vai e volta numa modificação pictórica para discurso indireto, e que ressoa com as qualidades do sujeito autoconsciente:

Na qualidade de um procedimento estilístico usual [de utilizável], essa modificação pode enraizar-se na língua apenas no terreno do individualismo crítico e realista, enquanto a modificação analítico-objetual é típica justamente do individualismo racionalista. (*ibidem*)

Os momentos da narrativa em que mais se penetra no monólogo interior das personagens, como uma lente, nos termos de Booth (1983), considerem-se discurso

5. Pensamos no eixo das contiguidades e semelhanças estabelecido pelas isotopias entre o filme *Infinite Jest* e o teor do *novel Infinite Jest*.

direto surgindo do indireto livre. Ou seja, nos ápices de monologização interior ou nos trechos em que podemos afirmar decerto qual personagem está a narrar é que ocorre com mais expressividade a neologia observada. Veja, temos um narrador observador onisciente seletivo, nos termos da estrutura. O que isso quer dizer? Em nosso caso, que nos momentos em que Wallace (o autor implícito) mais monologiza seus personagens, mais penetra na perspectiva dos sujeitos que personifica em Hal, Orin, Jame, Gately, Kate Grompert, Joelle Van Duke ele está escrevendo em discurso direto preparado pelo indireto

Trata-se de uma modificação analítico-verbal do discurso direto ou indireto. A modificação analítico-objetual do discurso do narrador estava mais em voga na literatura quando dos escritos de Bakhtin. Salvaguardadas as anacronias, podemos dizer que o romance como gênero e o *novel* enquanto construtos literários seguem uma tendência cada vez maior a um individualismo autocrítico, o que corrobora como corolário a tese de Volóchinov. O ponto para nós é que o discurso do narrador corresponde a essas características de um individualismo (auto)crítico - o que *piora* - na sua modificação do discurso direto para o indireto e vice-versa. Como nenhum texto segue apenas uma tendência de transmissão do discurso alheio, nas palavras de Volóchinov, defendo que reconhecamos ainda a tendência *impressionista* de transmissão desse discurso em *Infinite Jest*.<sup>6</sup>

Bakhtin e Volochinov estavam tendo como textos-base a literatura russa da época em que escreveram, e nós estamos transpondo suas palavras para a literatura Norte-Americana dos finais do séc.xx. Mas tanto a análise que fizeram das obras, como a análise que intento neste texto, quanto a análise de Propp que deu origem à Semiótica (de certo modo) são análises linguísticas, no sentido estrito e estrutural do termo. Os *achados* sobre a estrutura discursiva na literatura que compõem os textos de Bakhtin não são historiográficos e sim linguísticos, então nos fundamentaremos também em seus termos.

Em *Infinite Jest*, os trechos nos quais observamos essas modificações são momentos que o *lector in fabula* é exposto a tamanha pessoalidade e *poder* dentro da perspectiva da personagem, que o monólogo leva às últimas instâncias a identificação do leitor com o enunciador, ou (como cremos e diremos mais a frente) na encarnação da consciência (*enactment of consciousness*) (CARACCILO, 2012) que o *novel* deve oferecer, e Wallace consegue produzir neologismos “in-ambíguos”, por assim dizer. Pense-se nos neologismos que Madame Psychosis, papel de persona de Joelle como sujeito discursivo, quando em monólogo no seu programa de rádio. Ver-se-á que tanto maior a liberdade discursiva e neológica do narrador quanto mais monologiza seu discurso, torna-o autorreferencial. Trata o próprio discurso como metalinguagem etc.:

---

6. Sobre essa tendência mais autocrítica do herói do *novel* como gênero falaremos mais à frente.

Madame Psicose evita aberturas conversacionais e preenchimento contextual. Sua hora é compacta e “no-nonsense”. Depois que a música acaba, sua sombra segura fichas coladas e os embaralha suavemente para que o som do papel seja transmitido. ‘Obesidade’, ela diz. ‘Obesidade com hipogonadismo. Também obesidade mórbida. Leprosia nodular com manchas leoninas’. O engenheiro consegue ver sua silhueta levantar um copo quando ela faz pausas, o que o faz lembrar do Millennial Frizzy em sua sacola de livros. Ela diz ‘Os acromegálicos e hiperqueratosísticos (acromegalic and hyperkeratosistic). Os Enuréticos, neste ano de todos os anos possíveis. Os espasmodicamente torticólicos... (WALLACE, 1996, p.185)

*Acromegalic* and *hyperkeratosistic* são exemplos de neologismo em que Wallace empresta termos da Literatura médica para a criação de seus substantivos e adjetivos, mormente. Esse é um processo recorrente no livro e não está presente no *corpus* de análise, mas importa para que observemos que: a) é pela personagem que se acessa o romance, por seu monólogo interior, isso invariavelmente, em todo *novel* e b) em *Infinite Jest*, ao acessar o nível discursivo do texto pela personagem, observamos a monologização levada ao extremo pelas modificações de discurso direto preparado que o autor faz. Sendo em 1ª ou 3ª pessoa, o texto são monólogos interiores autoconscientes do narrador ao *lector in fabula* ou *leitor implícito*. Como com as cartas da *Pamela*, de Richardson, que sabiam que estavam sendo lidas. Isso que queremos dizer por narrador autoconsciente. Delimita-se então que o monólogo interior é nosso universo amostral. Esse monólogo deve ser interpretado como diálogo por duas razões: pelo narrador wallaceano, que usa da transmissão do discurso alheio (VOLÓCHINOV, 2017), e porque postula Bakhtin que todo discurso é dialógico.

Ocorre que em *Infinite Jest* a tessitura do discursivo é excessivamente monológica. Insuportavelmente, por vezes, a leitura é purgante, sim, mas desconfortável e desconcertante, nos momentos em que se sente ler os pensamentos de outra pessoa na sua crueza, em estado parafrênico (FREUD, 1925<sup>7</sup>). A impressão é de se ler o *ato de linguagem* do Outro, tamanha é a monologização que Wallace consegue. O ato de linguagem, de acordo com Bakhtin, é o domínio anterior à enunciação e à enunciação enunciada.

Diante disso, de todas as premissas supracitadas, observemos o *corpus* escolhido, tendo em mente a persona de *Hal Incandenza* como exemplo do sujeito de que falam Dardot & Laval (2013) e como unidade delimitável de herói dentro do *novel* em questão, em primeiro lugar. E por conseguinte como herói do romance nos termos de Luckács (2007) e Moretti (2013), enquanto esquema do sujeito histórico num dado momento do tempo. Hal deve ser tomado como um esquema das isotopias que se consubstanciam nele e das multi-plurisotopias que ele também consubstancia em si enquanto sujeito discursivo<sup>8</sup>.

7. O sujeito parafrênico (neuroticamente narcisista) é descrito por Freud como apresentando como características fundamentais: “megalomania e divergência entre seus interesses e o mundo externo -de pessoas a coisas” (FREUD, 1925, p.73, tradução nossa).

8. Enquanto *Dasein* (HEIDEGGER, 1962) e enquanto *corpo-e-mente-no-mundo, no espaço*. Mais à frente abordaremos a questão do ponto de vista do Ser, mas pese agora que estamos tratando *Infinite Jest* como texto, então sujeito discursivo, apenas.

Estas últimas em especial são a via pela qual Wallace estabelece relações especulares entre diversos personagens e sujeitos: Entre Hal e Kate Gompert, nas páginas 694 e 695, por exemplo; entre Hal e Gately – diversas vezes (p. 434-438); entre Hal e Randy Lenz (nas páginas 552-562, por exemplo). Nos momentos mais flagrantes de monólogo<sup>9</sup> de Hal a coda vem como o discurso de Lenz ou de Gompert, ou de Gately. Essa coda tem como característica principal que vem preparada, é mister lembrar, por um narrador que *fala* ou narra pelas vias de uma transmissão do discurso alheio como modificação analítico-verbal (porque dá à personagem o *fazer*-falar semiótico, por isso não tanto analítico-objetual) discurso direto preparado pelo indireto na especialidade pictórica ou ainda impressionista.

A escolha das unidades sintagmáticas pautou-se por unidades que conservassem alguma unidade temática, para a apreensão de um motivo dentro do romance. Optou-se pelo discurso do herói, que oferece ainda a possibilidade de hipotetizarmos sobre o herói no romance contemporâneo, do qual *Infinite Jest* é expoente. Além disso, foram priorizadas as unidades que oferecessem maior expressividade e elucidação ao que postula Wallace em sua ensaística, principalmente nos textos “E Unibus Pluram” e “Fictional Futures and the Conspicuously Young”.

## 2.1 That I'm - eating - something - that - makes - me - really - appreciate - the - presence - of - whatever-I'm-drinking-along-with-it look (WALLACE, 1996, p.6)

Tem-se um sintagma adjetival formado como adjetivo para {look}, que determina junto com that o paradigma de combinações que podem ser feitas para descrever a qualidade de um olhar em inglês. O fato de ser um composto nominal no gerúndio merece atenção. De acordo com Brinton & Brinton, gerúndios, em inglês, são formas de palavra derivadas de verbos – pela adição do sufixo -ing – mas também funcionam gramaticalmente como substantivos, ‘são substantivos verbais’ (BRINTON & BRINTON, op.cit.p.89). Grande parte dos neologismos colhidos são formas com gerúndio presentificador dentro de sua formação sintagmática. Por isso, consideramos que o item é nominal.

Para além disso, está-se a falar de um certo tipo de olhar {look}, então o composto é nominal *per se*. O fato que chama atenção na recorrência do gerúndio na interioridade desse sintagma é a *presentificação* e a *peçoalização* do item. Hal usa de sua experiência e insere a cognição corporeada na descrição que intenta fazer. Na leitura, isso se reflete numa *imagnetificação* [por parte do *lector in fabula*]. No efeito do discurso, o item chama a atenção para o enunciador e para a sua fala como escopo, mas ao mesmo tempo especializa o sintagma com uma série de referência pessoais ao final. O que torna o signo compreensível, apesar de específico.

O Neologismo em *Infinite Jest* é cunhado como saída para algo aprioristicamente

9. Se não ficou claro, monólogo interior há de ser lido tanto dentro do que postula Volóchinov (2017, pp.243-277). Mas também dentro do que o formalismo russo flagra e define por monólogo interior da personagem. Este difere, por exemplo, do fluxo de consciência e da rememoração. Em *Infinite Jest* o discurso das personagens é externalizado *como* monólogo interior.

indizível ou ininteligível, é o neologismo criado pela necessidade, pensando nos termos de Alves (1990) sobre a neologia. Cunha-se para uma necessidade então nasce desde o forjamento com delimitações gramaticais às combinações lexicais que intenta o autor. O texto faz-se com Wallace recobrando de significado neológico combinações que consideram limitações lexicais, mas, mais importantemente, gramaticais do inglês. Ocorre que consideramos, para os fins deste estudo, todo o sintagma como unidade neológica, pela hifenização. E do mesmo modo que o contexto é conjugado do texto, os termos chamados palavras gramaticais por alguns teóricos do Léxico e do Discurso são conjugados dos termos lexicais.

*Palavras gramaticais* existem como ferramentas linguísticas de combinatória e análise operacional de palavras *lexicais*. Mas não são as relações possibilitadas pelas palavras gramaticais significativas para a compreensão e o significado finais de um lexema ou mesmo sintagma? A mera existência de um lexema levanta possibilidades de quais usos gramaticais ele teria. E, como postulado por Greimas, recursivamente a língua é feita, construída e estruturada em torno de oposições. Então para o significado e o estudo de um termo lexical devemos ao mínimo ter em conta as limitações gramaticais dele.

Aqui, apenas Hal sabe mesmo de que tipo de olhar ele está a falar, enquanto sujeito discursivo. Nunca se terá acesso ao ato de linguagem da personagem, ou algo do gênero, mas sim à enunciação enunciada, que é autorreferencial às últimas instâncias. Digo que apenas ele sabe, porque ensimesmado e autocrítico que é o sujeito investido na personagem, o adjetivo cunhado trata-se mais de uma emoção. E daí a relevância da subjetificação do sintagma com o “I’m eating” no gerúndio. O sintagma número 1 descreve a resultante da descrição de um estado mental do sujeito da personagem em relação aos outros sujeitos que estão no mesmo espaço que ele<sup>10</sup> Ou ainda, é parte corolária do signo criado depois do arraigamento, mas que só funciona no nível idioletoal, ou do processo de atração que fala Ullmann. Por todas as vezes que ele gostou do que bebia quanto comia estabeleceu um esquema para todas essas instâncias. Pela autoconsciência estabeleceu um certo tipo de emoção sentida em todas as instâncias de refeições em que isso aconteceu, e ulteriormente um certo tipo de expressão não-verbal para essa emoção. Pela necessidade que o narrador teve naquele momento de descrever com a exatidão que lhe bastasse a sala em que estava, remetendo sua qualificação a experiências gustativas positivas anteriores e, sinestesticamente, associando tais experiências à visualidade, criou-se o sintagma, que tem o efeito de verbalização de uma emoção De acordo com Wittgenstein no *Tractatus*, há coisas indizíveis, como os estados do Ser. Indizíveis no sentido de incompreensíveis ao Outro, na essência dessas coisas. Para verbalizar o indizível, Hal recorreu a um processo de categorização sintagmática que resulta na unidade número 1.

10. Ver p. 1 a 10. No trecho em que o sintagma é cunhado, Hal está numa entrevista para admissão na Universidade do Arizona, em que, num ato de dialogização descritiva de seu monólogo interior, tenta descobrir a cadeira dos reitores que o entrevistam pelas perguntas e pela aparência deles.

## 2.2 A tiny little Yellow-Brick-Road stutter of pure controlling glee (p.719)

O neologismo diz respeito a Randy Lenz, remetendo-se ao efeito de ingerir uma dose de cocaína nasalmente. Numa das muitas cenas em que a personagem *desvirtua* dos preceitos clínicos da reabilitação, Randy Lenz precisa de um adjetivo que evoque uma euforia daquelas de...andarolar - andar e cantarolar. Digo que *desvirtua* porque a personagem é residente na Ennet Halfway House, para reabilitação de vício em drogas e álcool. A narrativa da clínica tem uma sorte de motivos religiosos sobre a luta contra o vício, inclusive referência aos textos de Santa Teresa D`Avila. Sobre os personagens secundários que sobrevivem ao vício em drogas e são como tutores de Gately, Joelle e Kate Gompert na clínica, é dito terem “castelos interiores incorruptíveis (WALLACE, 1996, p.365).<sup>11</sup>

Quanto ao item, trata daquelas alegrias contidas, ainda que sejam a mais pura e intensa pura vontade de potência e confiança que se pode sentir. Verdadeiramente, uma megalomania, enjaulada nas fronteiras do indivíduo. Pequena, pode ser pela quantidade ingerida; contida porque secreta e mantida em segredo, soturna e talvez *gauche*, mas clinicamente grande, porque vontade de potência.

Aqui, um dos pontos da tese de Wallace, sobre os efeitos do consumo de entretenimento de massa no discurso<sup>12</sup>, fica mais claro: Randy Lenz busca na cultura pop uma referência para descrever a sensação. Um discurso que demonstra ter como uma das norteadoras de sua atração e categorização a Cultura Pop, além de outros esquemas. Mais uma vez, denota um sujeito que nasceu sob a influência do entretenimento de massa e que o tem como conhecimento compartilhado. De acordo com Wallace em seu “E Unibus Pluram” a Cultura Pop, após os anos '90, tornou-se um arcabouço de signos, símbolos e mitos do conhecimento comum compartilhado pelo cidadão médio americano (WALLACE, 1993). Randy Lenz utiliza-se do discurso que a cultura de massa construiu e descreve sua alegria como aquela de Dorothy na estrada de tijolos amarelos d’*O Mágico de Oz*. A primeira versão do filme, à época, já era tida como nostálgica e exemplar da era de ouro do cinema americano, o que evidencia também a crescente nostalgia que a nova América sente por seus próprios ideais passados.

## 2.3 Bob-Hopeless (p.689)

Hal, num momento em que sofria a abstinência canábica e a depressão, experimenta completa disjunção com seu objeto-valor: ser um jogador melhor, se formar, entrar n’O Jogo profissional de tênis, e todos os objeto-valores que se possam hipotetizar serem os de Hal em *Infinite Jest*. São os objeto-valor do *Dasein* contemporâneo, por contiguidade e semelhança. Então neste momento o sujeito experimentava a ambivalência que esses

11. Este último fato é motivo de alguns apontamentos de *teologia* ou “*teologismos*” no texto de Wallace, mas não entraremos no mérito da questão. As referências são para a contextualização da personagem Randy Lenz.

12. Isso será elucidado mais à frente.

dois estados lhe causavam - a abstinência e a depressão - e uma sensação de desgraça e vergonha como nunca antes – vergonha do vício, da decaída nos esportes, etc. Isso resulta em um estado de auto-ironia extrema, e ele se compara por antítese ao comediante americano Bob Hope. Triste, portanto, considerando a negação que o sufixo {-less} traz.

### 3 | DA FEITURA DO DASEIN CONTEMPORÂNEO

O *Dasein* contemporâneo narrado por Wallace é o parafrênico, para Freud. E autoirônico para Wallace. Com termo que se queira, evidencia-se que a falência do sujeito na contemporaneidade é caracterizada e movida ou catalisada por um tipo especial de emoção, ou paixão: a vergonha. A vergonha como resultante da fobia social em que o indivíduo ou “*Enterprise subject*” (DARDOT & LAVAL, 2013) se vê encapsulado, ao passo que é incentivado a se destacar da massa por exceção. Ególatra e envergonhado, ao mesmo tempo. Voltado para o Outro mas vazio e ansioso de si mesmo, ao mesmo tempo também. Observando-se as análises, tentando depreender uma moldura do sujeito dos neologismos e da construção da personagem dentro de *Infinite Jest*, o quadro permite hipotetizar que a pulsão catalizadora das emoções de Hal é essa: um Sujeito definido essencialmente pela vergonha, então, nos termos de Harkot-de-La-Taille (1999), sabendo-se que

“a vergonha se estabelece no encontro de duas outras configurações passionais: a da inferioridade, que traduz a relação do sujeito com a imagem que se acreditava capaz de projetar e a da exposição (o sentimento de estar exposto), que diz respeito à relação sujeito/universo socioletal.” (p.27)

Assim, a sensação de cinismo geral de que fala Hal em suas monologizações dialógicas pode ser rastreada até o *Dasein* pela produção da emoção de vergonha. Veja, a tese central é de que a contemporaneidade deixa o sujeito ensimesmado, numa espécie de auto-sanção negativa ininterrupta e auto-referencial em relação ao próprio discurso idioletal. Esse sujeito é ensimesmado numa sensação de inferioridade que é interpretada por Harkot-de-La-Taille precisamente em consonância com o que diz Wallace e Dardot & Laval, se pensarmos o Ser contemporâneo essencialmente *entrepreneurial* e desejoso de que sua *empresa pessoal* (nos termos de Dardot e Laval, 2014,p.283-285), seja bem-sucedida.

Tendo em conta essa vergonha,

“O sentimento de inferioridade já é, por si só, complexo e engloba as etapas de um programa narrativo: trata-se do produto de um fazer cognitivo, na forma de uma operação de comparação, que pressupõe um apego ao objeto (imagem) com que o sujeito se percebe não-conjunto” (HARKOT-DE-LA-TAILLE, 1999, p.28)

No caso de *Infinite jest* e da questão sobre os EUA contemporâneos, considere-se os porquês de a reificação deste presente levarem a um *ensimesmamento* envergonhado do Ser. A súmula do enredo do texto é a de que o filme *Infinite Jest V* é uma peça



cinematográfica tão sedutora e tão aprazível de se assistir que vicia, recai no assistir reiterado e infinito. Esta é a piada. A tese de Wallace gira em torno de que a sociedade do estímulo infinito, através da TV, altera a forma como percebemos o mundo, o Outro e nós mesmos. À sua época, a Televisão era o principal difusor de entretenimento e dos valores hegemônicos do neoliberalismo. Hoje, na era do *Streaming*, e do conteúdo cada vez mais *personalizado*<sup>13</sup>, suas teses não apenas se comprovam, mas tornam-se inegáveis.

Na era da falência mesma do Neoliberalismo progressista (FRASER, 2017), nessa realidade reiterada *ad hoc* e *ad infinitum* pela reificação do presente o sujeito processa-se e comporta-se ensimesmado – por isso precisa de estímulo externo infinito, de *input* infinito. Com o colapso do Ser em si, resta-lhe reiterar o consumo, cultivando “*that glazed passive spectatorial state of mind*” (Wallace, 1996, p.1001) que reserva para o consumo do entretenimento. Cultiva-se nada além de um *glazed passive spectatorial state of mind* na relação com Entes e Seres<sup>14</sup>. Essa é a definição de uma subjetividade calcada no *meta-watching*, em algum grau. Nas palavras de Wallace sobre o meta-watching:

“ O modo como essas pessoas, que absorvem tais doses [de entretenimento auto-referencial], enxerga a si mesma muda, se torna “*espectatorial*”, autoconsciente. Porque a prática de Assistir é expansiva. Exponencial. Nós passamos tempo o suficiente assistindo e dentro em breve começamos a assistir a nós mesmos assistindo. Nós começamos a “sentir” nós mesmos sentindo, almejamos experienciar experiências” (WALLACE, 1993, p.160)<sup>15</sup>

Esse fenômeno aumenta a opacidade linguística num todo. Isso porque aumenta a quantidade e o efeito de intermediários entre o Eu e o Outro. Diante dessa opacidade, uma saída para ainda assim entregar a fruição de um Outro ao leitor observa-se nos trechos em que Wallace precisa distorcer a linguagem para entregar o não-ambíguo ou [ambíguo -]<sup>16</sup>. Os neologismos são exemplo disso, quase absolutamente não-ambíguos mas não-ambíguos apenas porque vazios ou quase vazios de intersubjetividade. Por isso seu livro é um grande Monólogo interior de todas as vozes que falam de dentro do *Total Noise*<sup>17</sup> e do Fim do Neoliberalismo progressista.

Pelo mesmo motivo a construção estética e formal do *novel* é tão complexa. Porque um romance de formação ortodoxamente canônico como *Catcher in the Rye*, por exemplo, *doesn't do the job*, não mais. A opacidade catalisada pela reificação do presente, enfim, é resolvida no *novel* pelos *desvios*, pela neologia e pela preparação impressionista do discurso indireto. Como asseverou Luckács (2007), toda forma é a resolução estética de

13. Algo que foi *previsto* por Wallace em *Infinite Jest*. Se assim podemos dizer, ele previu o Netflix e os filtros do Instagram, (“Tableaux for videofone”, ver página 417, por exemplo).

14. O Ser é a fronteira de si entre outros Seres e Entes. O Ser difere do Ente porque possui conscientemente a Morte como etapa última de sua vida e de seu passado. (HEGEL, 1962).

15. Tradução nossa.

16. A Ambiguidade de que digo estar assepsiado o signo neológico *wallaceano* é a ambiguidade dos discursos publicitários, dentro da atividade discursiva do próprio autor, e não a ambiguidade natural do signo que existe numa língua feita de oposições.

17. “um tipo de Ruído Total que é também o som da nossa cultura E.U.A. agora mesmo, uma cultura e um volume de informação e spin e retórica e contexto que sei que não sou o único a achar coisa demais para sequer absorver, quanto mais concatenar ou organizar em qualquer tipo de triagem de saliência ou valor.” (WALLACE, 2006, p.1. Tradução nossa).

uma dissolução interna, de uma busca. E o *novel* deve, além de mostrar quais as falhas na ideologia que critica, oferecer uma resolução fabulada a essas falhas, em algum grau. Linguisticamente, *Infinite Jest* oferece enquanto resolução estética a neologia, que permite mesmo ao *Dasein* contemporâneo ensimesmado e envergonhado fruir *togetherness*, fruir o discurso de um Outro.

Tem-se aqui um *novel* sobre o sujeito contemporâneo. Nós. Sobre um Ser que está tanto mais ensimesmado quanto mais entretido, estimulado. Um Ser que se vê um Indivíduo, reificado externamente pelo presente eterno que ensina a amar a singularidade em oposição à comunhão, e reiterado internamente em e pelo seu próprio discurso. A reificação do presente tira do homem a ideia de que é Mortal. Mesmo a identificação com o herói de romances canônicos advém do fato de que há uma suspensão de crença na morte daquele junto do qual *buscaremos*<sup>18</sup>. O herói do *novel*, nos termos de Candido sobre a personagem, é imortal. Nenhum *bildungsroman* dá como horizonte possível a morte de seu herói – de outros personagens, aos montes. Do herói, não. Estamos reificados num presente que diz o amanhã ser a repetição enfadonha do hoje e ao mesmo tempo acostumados com *novels* que nos dizem – tal qual a TV – que somos imortais e invencíveis.

Wallace oferece para o *lector in fabula* de *Infinite Jest* a Morte do herói, como rompimento e vanguarda. A Morte que define e delimita a sucessão temporal do Ser em contato com outros Entes e Seres na cadeia espaço-temporal. (HEIDEGGER, 1962). Define e delimita porque, se tomarmos a Língua enquanto feita de oposições, é só através da Morte que o Eu pode contemplar/cogitar completude. Ele existe, também, “olhando à frente” e deixando “para trás” tudo que já foi (HEIDEGGER, 1962, p.425). Não houve nem há um tempo em que o homem não tenha sido, ou um tempo em que o homem seja “não-Ser”. Ou seja, o Tempo começa com o Ser e finda com ele. Enquanto existe, o *Dasein* existe incompleto, à frente de si mesmo. Sua existência define-se, antes de mais nada, por oposição ao não-existir ou [- existir – viver] que se encontra como carga semântica de Morte. Quando o Ser chegar a um fim, na Morte, por exemplo, então poder-se-á flagrar quaisquer possibilidades de totalidade, ainda que ele mesmo não exista mais.

*Infinite Jest* é uma narrativa circular e seu primeiro capítulo é na verdade o último em sucessão cronológica. Com efeito, digo circular porque discursivamente o é: um monólogo de Hal em discurso direto inicia a narrativa que passa por mais de mil páginas majoritariamente em discurso indireto livre. Outro monólogo de Hal em discurso direto, com um “I”, só aparece de novo na última seção do livro, em novembro do *Year of the Depend Adult Undergarment* (marca de fraldas geriátricas<sup>19</sup>) que antecede os eventos de *Year of Glaad*. Na seção inicial em *Year of Glaad* Hal tem um infarto, um colapso de fato.

18. No sentido de ser o *novel* uma narração de busca e a leitura e narrativização dessa narração de busca do herói, nos termos de Luckács.

19. *Another joke about it* é no Ano da Fralda Geriátrica Depend que Hal entra em choque consigo e passa por algo que se chame amadurecimento ou qualquer coisa do tipo.

Físico e fisiológico, antecedido por um colapso mental e discursivo ao tentar se comunicar. Quando finda o capítulo e aprendemos sobre os eventos que levaram aos do primeiro capítulo. Não se sabe se Hal, na narrativa, enquanto herói e sujeito discursivo e textual, vai continuar vivo. Uma sequência cronológica de *Year of Glad* não existe no livro. Por isso é que podemos dizer que esteticamente, além das distorções, David Foster Wallace trouxe para a estrutura do *Novel* a morte do herói, e para o *lector in fabula*, devolveu, recolocou a Morte como pontualidade limítrofe e definidora do signo vida, mesmo, por oposição paradigmática.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. O heterodiscurso no romance In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: A estilística**. São Paulo: Editora 34, 2017. p.79-122. Tradução, prefácio, notas e glossário por Paulo Bezerra.

\_\_\_\_\_. **Teoria do romance II: As formas do tempo e do cronotopo**. São Paulo: Editora 34, 2018. Tradução, posfácio e notas por Paulo Bezerra

\_\_\_\_\_. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017. Organização, tradução, posfácio e notas por Paulo Bezerra

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2019. Organização, tradução, posfácio e notas por Paulo Bezerra

BOOTH, Wayne C. **The Rethoric of Fiction**. 2. ed. Chicago & London: The University Of Chicago Press, 1983.

BRINTON, Laurel J.; BRINTON, Donna M.. **The Linguistic Structure of Modern English**. Amsterdam/philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. 425 p.

CARACCIOLO, Marco. Fictional Consciousnesses: A Reader's Manual. **Style: Public Discourse, Forms, Plots, and Consciousness**, Penn State, v. 46, n. 1, p.42-65, abr. 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/10.5325/style.46.1.42>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Manufacturing the Neo-Liberal Subject. In: DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **The new way of the world: on neo-liberal society**. London: Verso, 2014. Chapt. 9. p. 283-337. (French Voices). Translated from the French *Nouvelle raison du monde* by Gregory Elliott.

FRASER, Nancy. The End of Progressive Neoliberalism. **Dissent**, New York, 2 jan. 2017. Quadrimestral. Disponível em: [https://www.dissentmagazine.org/online\\_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser](https://www.dissentmagazine.org/online_articles/progressive-neoliberalism-reactionary-populism-nancy-fraser)>. Acesso em: 21 jul. 2017.

FRYE, Northrop. Primeiro ensaio: Crítica Histórica: Teoria dos modos. In: FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Realizações Editora, 2006. p.145-185.

GREIMAS A. J. e COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2016.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973. 330 p. Tradução de Haqira Osakape e Izidoro Blikstein.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth **Ensaio semiótico sobre a vergonha**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. 222 p

HEIDEGGER, Martin. **Being and Time**. Oxford: Blackwell Publishers, 1962. Translated from the German *Sein und Zeit* (seventh edition) by John Macquarrie & Edward Robinson.

HOWARD, Leon. **A literatura norte-americana**. São Paulo: Cultrix, 1964. Trad: Péricles Eugênio da Silva Ramos do original **Literature and the american tradition**.

JAMESON, Frederic. **Postmodernism: or The Cultural Logic of Late Capitalism**. Durham: Duke University Press, 1991.

LUCKÁCS, Grégory. Epopéia e Romance. In: LUCKÁCS, Grégory. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2007. p. 55-69.

MARTINS, Nilce Sant'anna. Introdução à estilística: A expressividade na língua portuguesa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 328 p.

MCCAFFERY, Larry; WALLACE, David Foster. *A Conversation with David Foster Wallace* By Larry McCaffery. 1993. From "The Review of Contemporary Fiction," Summer 1993, Vol. 13.2. Disponível em: <<https://www.dalkeyarchive.com/a-conversation-with-david-foster-wallace-by-larry-mccaffery/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. **Semântica e Pragmática**. 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto\\_base\\_Semantica-Final\\_2\\_dez\\_2008.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto_base_Semantica-Final_2_dez_2008.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2019.

MORETTI, Franco. **The Bourgeois: Between History and Literature**. New York: Verso, 2013.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1998. (Coleção E).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica: Charles Sanders Peirce**. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Estudos; 46 / dirigida por J.Guinsburg). Tradução de José Teixeira Coelho Neto.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. Trad: J.A.Osório Mateus do original **Semantics: An introduction to the Science of Meaning**.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013. p. 137-180.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 7-82. Tradução, notas e glossário por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório por Sheila Grillo.

WALLACE, David Foster. Good Old Neon. In: WALLACE, David Foster. **Oblivion: stories**. New York: Little, Brown And Company, 2004. p. 141-181.

WALLACE, David Foster. Deciderization 2007 - A Special Report). In: WALLACE, David Foster; ATWAN, Robert. **The Best American Essays 2007**. New York: Mariner Books, 2006. p. 1-8. (The Best American Series ®). disponível em: <<http://neugierig.org/content/dfw/bestamerican.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

WALLACE, David Foster, **E Unibus Pluram: Television and U.S. Fiction**, Review of Contemporary Fiction, 13:2 (1993:Summer) WALLACE, David Foster, "**Fictional Futures and the Conspicuously Young**". The Review of Contemporary Fiction Vol. 8, No. 3, 1988.

WALLACE, David Foster, **Infinite Jest**. New York: Back Bay Books, 1996

WALLACE, David Foster. Authority and American Usage. In: WALLACE, David Foster. **Consider the Lobster: and other essays**. New York: Back Bay Books, 2007. Cap. 4. p. 78-147.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 71, 100, 192, 193, 195

Argumentatividade 29, 31, 34, 36

Arquitetura indígena 173

Autismo 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

### C

Casamento 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Categorias 24, 25, 36, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 109, 125, 158, 165, 168, 180, 209, 211, 217

Cena enunciativa 41, 45

Cinema 17, 63, 84, 135, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 219, 226, 229

Comunidade 154, 163

Congada 179, 180, 181, 185, 186, 187, 188, 189

Contos de fadas 105

Criação sociológica 118

Cultura 4, 16, 28, 55, 63, 65, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80, 93, 104, 109, 121, 122, 133, 146, 147, 154, 160, 163, 167, 173, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 200, 201, 223, 230, 232, 233, 235, 236

Cultura negra 69

### D

Descolonização 69, 73, 75, 76, 78

Dialeto 132, 133, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 147, 148

Discurso 12, 15, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 74, 75, 126, 140, 142, 146, 156, 158, 165, 168, 170, 171, 172, 186, 193, 214, 216, 229

Divulgação científica 11, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40

### E

Eduardo Coutinho 154, 155, 158, 163, 164

Educação Básica 89, 90, 91, 92, 95, 103, 173

Enunciação 20, 32, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 60, 62

Enunciados 36, 38, 41, 44, 46, 48

Estrutura de madeira 173

Etnoarquitetura 173, 174, 178

Existencialismo 89, 91, 92, 93, 94, 98, 102, 104

## F

Fantasia 5, 90, 91, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116

## H

Homofobia 143, 165, 171, 172

## I

Identidade negra 69, 78

Influenciadoras Digitais 12, 14, 15, 21, 25, 26, 27, 28

Instagram 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 65

## J

Jornalismo 20, 31, 165, 166, 167, 171, 172, 222

## L

Lexicologia 51

Língua Inglesa 1, 3, 7, 8, 10, 27, 81, 106, 137

Literatura 59, 60, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 114, 115, 117, 118, 122, 130, 163, 180, 182, 204, 229

Literatura Brasileira 71, 89, 90, 91, 101, 102, 103, 104

## M

Madeira 173, 174, 176

Manifestação Popular 179, 188

Maquiagem 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 149, 158

Memória 3, 77, 98, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 131, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 179, 184, 189, 229

## N

Narrativa 15, 20, 25, 47, 48, 58, 63, 66, 67, 76, 77, 95, 96, 97, 100, 102, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 130, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 186, 187, 191, 196, 198, 200

Neologismo 51, 53, 58, 60, 61, 62, 63

Notícia 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

## O

Objetividade 29, 31, 33, 34, 35, 36, 39

## P

Pajubá 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150

Poética 77, 95, 118, 119, 120, 121, 129, 131, 198, 219, 228

Protagonismo feminino 105, 106, 108, 111, 115

## Q

Queer 132, 133, 137, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 165, 166, 167, 168, 170, 171

## R

Religiosidade 179, 180, 181, 184, 185, 186, 189

Romance 51, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 61, 65, 67, 68, 91, 92, 93, 95, 97, 100, 102, 103, 108, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 129, 130

## S

Semântica 4, 50, 51, 53, 66, 67, 68

Semiótica 15, 20, 25, 28, 49, 50, 51, 54, 59, 67, 68, 192

Sociolinguística 132, 133, 136, 147, 148

Subjetividade 29, 31, 33, 34, 36, 39, 40, 51, 65, 92, 93, 97, 139, 197

## V

Vernacular 173

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**